Poemas sobre Literatura Brasileira

Poema sobre o Quinhentismo.

A carta de Pero Vaz de Caminha

É considerado o primeiro documento escrito da História do Brasil. Assim, é considero o "marco zero" ou o pontapé inicial para a construção da história Brasileira após o descobrimento. O termo "descobrimento" é muito questionado hoje em dia, pois quando usado nos faz esquecer que estas terras já eram habitadas por índios. Vaz de Caminha era escrivão da frota de Pedro Alvares Cabral, e redigiu essa carta para Dom Manoel I, conhecido também como "O Venturoso" ou "Bem Aventurado", para comunicar-lhe o descobrimento das novas terras. A Carta é datada em 1° de maio de 1500; a cidade onde estavam era Porto Seguro, e foi levada para Lisboa por Gaspar de Lemos, um grande navegador desse período. Tal carta manteve-se conservada inédita por mais de dois séculos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Esse Arquivo está localizado em Lisboa, e existe no Estado português desde a Idade Média possuindo mais de 600 anos; é uma das instituições mais antigas de Portugal e uma das únicas ativas até

hoje. Foi descoberta no século XVIII por José de Seabra da Silva, mais precisamente em 1773. Foi noticiada pelo historiador espanhol Juan Bautista Muñoz, e publicada pela primeir

Obra de Wellington S. Lopes.

Influênciado pela Literatura Brasileira.

Poema sobre o Quinhentismo

Santa Inês

Cordeirinha linda, Como folga o povo, Porque vossa vinda Lhe dá lume novo. Cordeirinha santa, De Jesus querida, Vossa santa vida O Diabo espanta. Por isso vos canta Com prazer o povo, Porque vossa vinda Lhe dá lume novo. Nossa culpa escura Fugirá depressa, Pois vossa cabeça Vem com luz tão pura. Vossa formosura Honra é do povo, Porque vossa vinda Lhe dá lume novo. Virginal cabeça, Pela fé cortada, Com vossa chegada Já ninguém pereça; Vinde mui depressa Ajudar o povo, Pois com vossa vinda Lhe dais lume novo. Vós sois cordeirinha De Jesus Fermoso; Mas o vosso Esposo Já vos fez Rainha. Também padeirinha Sois do vosso Povo, pois com vossa vinda, Lhe dais trigo novo. Não é de Alentejo Este vosso trigo, Mas Jesus amigo É vosso desejo. Morro, porque vejo Que este nosso povo Não anda faminto Deste trigo novo. Santa Padeirinha, Morta com cutelo, Sem nenhum farejo É vossa farinha Ela é mezinha Com que sara o povo Que com vossa vinda Terá trigo novo. O pão, que amassasses Destro em vosso peito, É o amor perfeito

Com que Deus amastes. Deste vos fartasses, Deste dais ao povo, Por que deixe o velho Pelo trigo novo.

Não se vende em praça, Este pão da vida, P

Poema sobre o Barroco.

Todo

Gregório de Matos Guerra

O todo sem a parte não é todo; A parte sem o todo não é parte; Mas se a parte o faz todo sendo parte, Não se diga que é parte, sendo todo.

Poema sobre o Arcadismo.

Se é Doce

Du bocage

Se é doce no recente, ameno Estio Ver toucar-se a manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio; Se é doce no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis amadores, Seus versos modulando e seus ardores Dentre os aromas de pomar sombrio; Se é doce mares, céus ver anilados Pela quadra gentil, de Amor querida, Que esperta os corações, floreia os prados, Mais doce é ver-te de meus ais vencida, Dar-me em teus brandos olhos desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que a vida.

Poema sobre o Realismo.

Sê

Se não puderes ser um pinheiro, no topo de uma colina, Sê um arbusto no vale mas sê O melhor arbusto à margem do regato. Sê um ramo, se não puderes ser uma árvore. Se não puderes ser um ramo, sê um pouco de relva E dá alegria a algum caminho. Se não puderes ser uma estrada, Sê apenas uma senda, Se não puderes ser o Sol, sê uma estrela. Não é pelo tamanho que terás êxito ou fracasso... Mas sê o melhor no que quer que sejas.

Douglas Malloch

Poema sobre o Simbolismo.

Hão de Chorar por Ela os Cinamomos... Hão de chorar por ela os cinamomos, Murchando as flores ao tombar do dia. Dos laranjais hão de cair os pomos, Lembrando-se daquela que os colhia. As estrelas dirão — "Ai! nada somos, Pois ela se morreu silente e fria.. . " E pondo os olhos nela como pomos, Hão de chorar a irmã que lhes sorria. A lua, que lhe foi mãe carinhosa, Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la Entre lírios e pétalas de rosa. Os meus sonhos de amor serão defuntos... E os arcanjos dirão no azul ao vê-la, Pensando em mim: — "Por que não vieram juntos?"

Poema sobre o Modernismo.

Pronominais

Dê-me um cigarro Diz a gramática Do professor e do aluno E do mulato sabido Mas o bom negro e o bom branco Da Nação Brasileira Dizem todos os dias Deixa disso camarada Me dá um cigarro.

Oswald de Andrade